

O ENTHUSIASTA

JORNAL PARA O POVO

ASSIGNATURA
Guimarães, anno 500
Com estampilha 600

Orgão do Grupo dos Enthusiastas
Publicação semanal

ANNUNCIOS
Por linha 40
Para artistas Gratis

Guimarães, 11 de setembro

CONTRADIÇÕES II

O pequeno centro progressista de Guimarães, tendo commettido o erro politico, o acto antipatriotico, de se exforçar, logo depois da ultima mutação de governos, por extinguir o movimento patriotico do concelho na sua aspiração d' independencia administrativa do districto de Braga, tentou aproveitar o decretamento da autonomia para vantagem propria. Para isso veio a lume o «17 de Julho».

Concebeu o plano d'inculcar a autonomia como a maior conquista devida ao exforço vimaranense; como o maior triumpho; como a obra mais perfeita que podia conceber-se em administração publica. Se conseguisse convencer o concelho, d'ahi derivaria: a necessidade d'uma extraordinaria gratidão ao governo progressista; conquista de popularidade do grupo, que este nunca chegou a adquirir, e que inteiramente perdêra.

O plano seria bem concebido se não tivera a fraqueza de todos os actos temerarios, em que mais predomina a cegueira, o desvairamento, um verdadeiro grão de loucura. O vôo foi levantado mui alto, mas as azas do «17» fundiram-se ao sol, e a queda já se assignalou com lamentavel evidencia, tendo d'affirmar hoje o que hontem negara, negar amanhã o que hoje affirmara.

Vejamos o sudário, visto que assim o quer, visto que veio, com arrebato quichotesco, embargar-nos o passo, visto que teve a ousadia de attribuir-nos intuitos parladiros quando expozemos, com a maior imparcialidade, o que entendemos do valor da autonomia, visto que por um lado nos chama — declamadores, e contradictoriamente se exforça por descobrir argumentos com que se defenda, e nos aggrida, sem se lembrar que a declamações balofas, varias, não se responde com argumentos.

E' verdade que o «17» necessita d'evidenciar-se como batalhador, e, pondo de parte a modestia, ao mesmo tempo que se irrita contra os declamadores, orgulha-se por que elle só responde a todos!

Não basta porem responder; é necessario responder bem, isto é, convencer o concelho do erro dos — declamadores, —

e do acerto com que batalha pela perfeição triumphal da autonomia.

Mas vejamos as maiores contradicções.

No primeiro numero do «17 de Julho» diz o seguinte:

«Ao 28 de novembro corresponde o 17 de Julho, ao attentado corresponde a reparação. . . . Dizem os modernos philosophos da historia que as grandes causas geram sempre grandes effectos. Sob este ponto de vista, ainda aquellas datas se correspondem: a enormidade do attentado a magnitude da reparação. . . .

«Resolvida a questão de Guimarães por uma forma tão completa e ao mesmo tempo tão honrosa, que sempre pareceu impossível aos mais ambiciosos e menos crentes, não poderíamos adoptar outra attitude».

Ora, quem ler isto, sem nenhuma prevenção, sem nenhuma noticia desprecendente, entende que a grande causa, que gerou, para confirmação da lei dos modernos philosophos da historia, o grande effecto, a questão de Guimarães, nasceu no dia 28 de novembro, e terminou no dia 17 de julho; isto é: que tendo havido um apedrejamento no dia 28 de novembro contra os procuradores de Guimarães por causa da discussão d'um projecto da junta geral (a grande causa), como pela reforma administrativa ficou facultado ao concelho de Guimarães o requerer a sua organização especial para ficar isento de enviar mais procuradores a Braga (o grande effecto), a questão estava terminada.

E era com effecto isto a que se propunha o «17 de Julho», com a circumstancia de dar a autonomia a natureza d'um triumpho completo, e tamanho que por elle Guimarães conquistava: 1.º salvar a sua dignidade; 2.º augmentar por um modo extraordinario a sua receita, e assim poder converter Guimarães n'uma das mais bellas cidades, o concelho n'um dos mais prosperos.

Estas conclusões vem nitidamente expostas no n.º 2 do «17 de Julho», onde diz:

«Posto isto, não tendo nós de mandar mais procuradores a junta geral, está ou não está salva a questão de dignidade? Posto isto, não tendo nós de mandar mais nem um centil para o dito sorvedouro, está ou não resolvido a nossa favor o conflicto d'interesses? Todo o homem despreocupado dirá que sim».

E no terceiro n.º:

«Na parte porem que nos diz particularmente respeito, o novo codigo administrativo é uma obra completa».

Para poder affirmar o que fica transcripto, o «17» não trepidou em affirmar, n'esse n.º «que o conflicto entre Guimarães e Braga nasceu no dia 28».

Mas, o que é o conflicto?

N'este ponto, o articulista esqueceu-se do que dizem os philosophos da historia e os socialistas, e vem affirmar-nos que o conflicto nasceu com esse facto de 28 de novembro.

E' verdade que os philosophos tambem dizem — que «tout phénomène social est la résultante d'un prodigieux aggrégat de causes générales et particulières».

E' verdade que o proprio articulista, affirmando que, pela reforma administrativa, deixamos de pagar mais um centil para o dito sorvedouro, inconscientemente affirma que houve causas anteriores ao facto de 28 de novembro para provocar o conflicto.

E' verdade que, não podendo negar-se que Braga é uma cidade portugueza, e mais ou menos participe nas conquistas da civilização moral d'este seculo, não pode conceber-se que fosse praticado o acto brutal de 28 de novembro sem causas anteriores, sem o conflicto preexistente, de sentimento e d'interesses, entre as duas populações.

Como salvar-se d'esta deploravel confusão d'ideas, d'uma declaração contradictoria, que o enredava?

Com habilidade, digna de fim menos faccioso, e mais patriotico, faz-nos no n.º 4 uma historia e classificação de conflictos, e affirmar-nos: que houve, não um conflicto só entre as duas populações, mas tres, posto que anteriormente, no n.º 3, nos dissesse que a rivalidade entre Guimarães e Braga era antiga, posto nos dissesse n'esse mesmo n.º que — só nos insurgimos contra a junta geral; que esses conflictos foram de tres especies: 1.º propriamente entre as duas populações (directriz dos caminhos de ferro, etc); 2.º de Guimarães com o governo civil (decimos d'irmandades, etc); 3.º com a junta geral (viação districtal, etc.).

Houve esses conflictos, acrescenta o articulista n'este e no n.º seguinte, mas

todos terminaram e esqueceram, e são de natureza tal que podem repetir-se quer Braga seja, quer não, capital de districto, mas o de terceira especie não pode repetir-se, porque a sua causa unica, cuja extincção podiamos exigir dos poderes publicos, foi extinta pela reforma administrativa.

Como este e outros periodicos de Guimaraes affirmassem que o conflicto não era somente d'interesses, não se restringia aos factos de 28 de novembro, mas era antigo, constante, com manifestações mais ou menos vivas, o estimavel articulista responde-nos, com ares triumphaes, citando a authoridade de Moraes. Como lhe respondessem com a authoridade de Frei Domingos Vieira, com a do «28 de Novembro», onde collocaram activamente colaboradores do «17», respondeu-nos com o silencio mais discreto.

Era em verdade impossivel restringir o conflicto entre Guimarães e Braga aos factos de 28, e reduzi-lo ainda a proporções menores, isto é, entre Guimarães e a *junta geral*, quando os factos, conhecidos de todo este concelho, são mais eloquentes que todos os sophismas e declamações do «17».

A ultima manifestação do conflicto não foi entre Guimarães e a *junta geral*; foi entre Guimarães e a população de Braga, porque foi esta quem apedrejou e insultou este concelho nas pessoas dos seus representantes. O conflicto tem-se manifestado constantemente, como o prova o velho annexim: «de Braga nem bom vento, nem bom casamento», como o prova a questão pela directriz do caminho de ferro do Minho, e da Povia a Chaves, como o prova o rancor com que a imprensa de Braga tractou este concelho, como prova o incendio que rapidamente lavrou por todo este concelho ao saber-se do attentado de 28 de novembro, como o prova o apedrejamento, em que tomou parte a população de Braga de diversas classes contra tres homens inermes.

Um attentado d'esta ordem, quasi applaudido pela classe mais illustrada de Braga, senão applaudido mais ou menos claramente, não pode de modo algum filiar-se na discussão da *junta geral*: ha de necessariamente admitir-se, pela acção fatal do raciocínio, pela eloquencia dos factos, a preexistencia, não d'uma rivalidade ou licita emulação, mas de profundas causas geraes e anteriores, que todos constituem o antigo conflicto entre as duas populações, e em que o sentimento e a razão não se manifestam antagonicos. O antagonismo entre o sentimento e a razão, entre o sentimento da generosidade e o interesse, não se revela na malquerença tradicional e constante entre os dous concelhos.

Este conflicto é evidente, para quem

conhece Guimarães e Braga em todas as suas relações, e é um erro querer negar a evidencia.

Pode o «17» dar ao termo uma acceção mui restricta; mas a natureza e significação dos factos é que é irreductivel á vontade e aos intuitos do periodico progressista. Os factos provam sentimentos tão oppostos e hostis entre as duas populações, que transcendem quanto é licito admitir-se como manifestação moral de justa emulação.

Rivalidades notam-se entre individuos, familias, cidades, nações: quando essas rivalidades chegam ao extremo de se procurar, não o engrandecimento proprio pela propria industria e actividade, mas o prejuizo alheio, mas a absorção das forças alheias, mas o aniquilamento da sua actividade, a rivalidade converte-se em odio, maldade, crime.

Estes excessos nocivos, attentatorios da civilisação, que accusamos a Braga, nunca vimos que o Porto os praticasse. Bastaria esta circumstancia, quando carecessemos d'outras, para justificar plenamente o nosso desejo da suppressão do districto de Braga, o nosso grito d'união ao districto do Porto.

Se a autonomia não resolve esse conflicto, ou como queira chamar-se-lhe, esse conjunto de causas, que produziram varios conflictos (seja como quer o «17», embora a acceção do termo seja a que lhe damos), o que na sua maior parte ficam subsistentes, é claro que Guimarães não pode considerar satisfeitas todas as suas aspirações; é claro que deve continuar na propaganda da suppressão do districto de Braga, desde já, e sempre, até que se consiga, directa ou indirectamente

E' isto o que doe ao «17 de Julho», e que não devia doer, senão fora o seu excessivo facciosismo, devendo lembrarse não só de que é de Guimarães, mas que o pensamento da suppressão do districto foi manifestado em Guimarães ha annos, e por quem não tinha outra preoccupação, outro partido senão o do progresso da sua terra. Querer porem contra este pensamento exercer uma *dictadura* repugnante, manifestar contra essa voluntariedade, para satisfação dos seus interesses, ou dos seus caprichos individuaes, é o que nós repellimos, como ha de repellir toda a gente que se prese.

Acima de interesses individuaes, os interesses geraes da nossa terra; acima de caprichos, ou ambições de representação politica, a dignidade e os interesses geraes de Guimarães.

A questão de Guimarães nunca deve ser uma questão de facções; nunca deve ser um degrão d'escada para exercicio de gymnastica partidaria.

Mas vejamos como continuam as contradicções.

GAZETILHA

Não ha que ver, hoje em dia,
recrues e a gran mania
do combate singular;
esses nos saugammos,
que põem a vida aos temerarios
dependente d'um azar!

O duello, diz a historia,
nasceu da louca vangloria
da Barbara Scandinavia,
po:que antes, se algum havia,
era entre quem defendia
sua Patria, sem ignavia.

Nessas eras nunca foram
motivo para duellos
uns quaes-quer pretextos futeis
inda que comaspectos bellos.

Passando da Scandinavia,
segundo se cre e se diz
para a Alemanha e p'ra França
esta invenção infeliz,
espallou-se a costumaria
depois pela Europa inteira!

E o facto é que houve tempo,
que este costume cruel
applauso teve dos principes,
se não illude Noël,
e se Carpentier não mentiu
tê a Egreja o consentiu!

Mudaram depois os tempos:
Luiz VII, bom, piedoso,
conhecendo os contratempos
do combate singular,
propoz o barbaro uso
do reino seu estirpar.

Secundando n'este empenho,
bem trabalhou S. Luiz,
mas se aquelle alienou pouco,
este não foi mais feliz,
stando o habito invet'rado
foi seu esforço baldado.

Depois d'elles, vem um outro
mais forte, Philippe, o Bello,
que alou, varios abusos
e o costume do duello.

Morto elle, eis que revive
o costume endiabrado,
—esse costume maldito
que *ponto d'honor*, e chamado,
e posto que outros tentassem
por-lhe cobro, foi frustrado.

Hoje, prosegue essa moda
com turtareo frenesim,
e alcunham de *pundonor*
que um qualquer espadachim,
julgando-se algo offendido,
mande o seu *cartel d'honor!*

Em todas as nações cultas
ha penas p'ra o duellista,
mas que val' se a moda impera
e com rasões sempre stultas
a impunidade espera
quem é seu apologista?

Se o mau exemplo dimana
lá das altas regiões,
se se batem em duello
os generaes e os peões,

como pôr cobro nos reptos tendo tão nobres adeptos e eximios campeões?

Curioso realmente é verem-se homens cordatos, graves, serios, litteratos, fazerem tão folanente do *similia cum similibus* do systema homeopathico, verdadeiramente apothose propondo-se lavar as nodosas com outras em dupla dose, julgando o meio sympathico

Qualquer dia, meus leitores, se dizis ao sapateiro: *non alio bono estis habitus?* ou inda ao vosso luvetiro! *as brava são de má pelle* podem expor-vos sem cuidada a receber um cartel.

Cuidado, pois meus amigos, haja fino, haja cordura: nada de critica franca, é-nos defesa—a censura.

Xisto.

MATHEMATICOS

Os—braguezes—do «17» presumem agora de mathematicos! E serão?

Se o signal é andar—pelo reino da lua—, têm a prova feita.

Se porem se inculcam taes, pela arithmetica dos seus artigos, oh! isso é de qualquer caixeiro, ou até d'um discipulo do Antonio Luiz. Creiam-n'ó.

Pois calcular os beneficios da autonomia p las despesas até agora feitas, sem attenção á alteração de condicções economicas, e sem attender á nossa concorrencia para as despesas geraes, consequentes da permanencia do districto, não é—viajar pelo reino da lua?

O nosso illustre deputado e bom amigo, o Exc.^{mo} Smr. Franco Castello Branco, foi louvado em portaria do ministerio da fazenda, pela maneira como desempenhou as funcções de administrador geral das alfandegas, no impedimento do Smr. Costa Gomes.

Que outra cousa havia a esperar de tão elevada intelligencia?

ERRATA IMPORTANTE

No numero 26, primeira columna do primeiro artigo, onde se lê—que se manifesta mudo etc.—, deve ler-se:—que se manifesta unido.

EXCAVAÇÕES

Deputados?!... Em sois... uns *calarentos* Di-eis vós que eiles são; mas que estranheza! Mais fóra de estorilho, sua firmeza, Do que tão variados movimentos.

A culpa não é d'elles, é dos ventos Que os fazem voltear com tã presteza; Culpa! se vos apraz, a netu-eza, Mas peui-lhe depois meioramentos.

Inconstantes?!... não são, tendo paciencia; Os ventos é que sopram muito varios, Não lhes ceder seria inconsequencia;

Vós é que sois uns homens refractarios A tudo quanto é justo, a incoherencia E' que vós os queiraes nos *campanarios*.

Agosto de 1870

F. C.

PERFIS

Estamos em plena temporada de banhos: se as praias, com a sua therapeutica, com as suas diversões, com as suas roletas, nos roubam seguramente mais d'um terço da nossa população, por que não transportemos os limites do concelho, e não iremos visitar os nossos patricios, que residem no Porto, ou se retemperam por Mathosinhos?

Vamos veraneiar tambem; vamos haurir novas forças nas brisas tonicas da beira mar.

Entremos em Mathosinhos, a rival de Leça da triste nas ruas tortuosas, e no silencio com que se assimelha a terra devastada. E' a invija com que se remorde na presença dos triumphos da rival, ou a saudade dos tempos passados, quando Leça era a praia discreta, estimada e frequentada por quantos procuram a distracção sem ruido?

Entremos em Mathosinhos, que ahi encontraremos diversos patricios nossos, e entre elles um homem já edoso, mas bem conservado, com as cãs que o tempo produz, com a novidade inextinguivel que produz a saude, a lucidez d'um espirito cultissimo, a tranquillidade da consciencia, a felicidade constante na vida intima de familia.

O nosso patricio, ao mesmo tempo que é modelo d'affabilidade, que sente na alma trasbordarem-lhe os sentimentos de benevolencia, revela sempre a firmeza de caracter, o seu quê d'estoico, d'espartano, que um vimaranense ainda conserva reagindo contra as corrupções da educacção moderna, excessivamente utilitaria.

Na visita, que fez a esta mãe patria a brio-a colonia de viarauenense residentes no Porto, via-se entre os mais dedicados o vulto grave do illustre vimaranense.

Hoje, interroga os patricios acerca das cousas patrias; e pergunta, entre

curioso e indignado:—Guimarães, depois de tantos ultrages e tão profundos prejuizos, satisfaz-se com a autonomia?

E fica satisfeito este homem que nunca se esqueceu de Guimarães, e que nunca recusa um franco aperto de mão, um patricio, ao saber que a sua terra socegou, mas não desiste de mais larga separação.

Honra-se de ser vimaranense; e honra Guimarães, não só pelas excellentes qualidades de caracter, como pelo prestigio que conquista quem, como elle, occupa um logar proeminente na sciencia medica, e no professorado.

O discipulo encontra um bom mestre; o doente, e especialmente as parturientes, um medico de saber seguro, de provector tino.

E' progressista; não gosta da administração regeneradora.

Estima o deputado Franco Castello Branco.

Tem dous filhos, ainda creancinhas: a phisionomia illumina-se-lhe ao ver-lhe o desabrochar d'intelligencia vivissima.

Em Guimarães não é preciso, para que se conheça revelar-lhe o nome: basta traçar as linhas principaes do seu caracter, o seu perfil.

Terminamos dirigindo-lhe um pedido: que aos appellidos do seu filho faça acrescentar o de Guimarães. Assim nunca elle esquecerá que o paé honrou sobre modo uma terra benemerita.

Arminho.

A DRAGA

Oh! que porcaria immensa A respeito da tal draga! Cono tanto se desbraga A virtuosa da Imprensa! Se, porem, com isso pensa Que procede muito bem, Melhor andaria quem Podesse dar a taes folhas, Não a velha lei das rollhas, Mas uma draga tambem.

Cicero.

SERA' NEGAÇA?

Diz-se que o governo vaé mandar estudar a avenida do Toural á estação de Villa Flor, a empenho do smr. capitão Machado, ex-administrador d'este concelho.

Acreditamos no empenho d'este: é um homem digno, foi satisfeito com Guimarães, e admira-lhe o seu caracter. Nem sequer leva a mal, antes louva, a nossa dedicacção a Castello Branco.

Acreditamos que o governo o devia fazer, para nos compensar da nossa concorrência ao emprestimo dos 38 contos, e para provar que não guarda todas as suas graças para Braga; mas dos estudos passará á construcção?

Veremos.

ECCE OS!

(Monologo)

Eis o meu osso!

Enfim!

Julguei a partida perdida!

Mas cá está. Elles, os meus patriotas, ainda se alimentam de patriotismo, e usam do palavrao—*dignidade!* Palavrões!

Eu tambem já usei d'outros. A—*ordem e legalidade!*—, bella phrase!

Mas a minha produziu um osso, cheio de gorduras. E' verdade que os palavrões d'elles tambem me aproveitaram.

Eu arranjei-me; elles tiveram o trabalho, e os riscos. Bello jogo! Bello jogo!

Pesquei nas aguas turvas! Se pesquei!

Eu sou—um homem politico! Mas a cousa esteve arriscada.

Agora, que vive o diabo Guimarães na sua questao!

Tolos! Julgavam que eu sacrificava um instante de minha commodidade pela questao?

Tolos! Não viram que só entrei n'ella, na occasião que me pareceu opportuna? Tolos! Não sabiam que sou um homem politico?

Um—homem politico— arranja-se.

Eu arranjei-me: que neguem que eu sou um homem politico.

Um—homem politico—não tem patria, quasi não tem familia: tem o *seu partido*: e eu sou um verdadeiro homem politico.

Outros fallaram, outros escreveram, outros trabalharam, outros tiveram cuidados, outros fizeram despezas, outros arriscaram-se a perigos: eu sacrifiquei nas aras do meu arranjo.

Toleirões!

Eu sou um homem pratico. Não estão contentes com a autonomia? Pois aguentem-se. Para que tiveram sentimentos, dos taes chamados nobres?

Mas deixem estar: para mim veio o osso; para vossès, vem os estudos d'avenida.

Um estudo, com bandeirolas, galões, orçamento, engenheiros, e papellada: que mais querem?

E não lhes veio a reforma de interesses?

Que mais querem, que mais querem?! Para vossès, seus tolos vimaranenses, não são bastantes os ideaes?

Pois o governo dá-lhes trêtas, fidalguia, estudos, bandeirolas, e não querem que lhes entre no bolso? Ha de entrar. Os lucros são para mim, e para os de Braga.

Ecce os! Eis o meu osso! Que grosso, que teso, que lustroso, que pingue elle é! Sustentava uma familia numerosa? Que me importa? Eu sou um homem politico; um homem pratico!

Ecce os! *Ecce meus os!*

ABELHA

(Abecedario com mais de dusentos de-
nhos de letras e debuxos para bordar)

PREÇO 1:000 reis

Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a

Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cogo, n.º 15, á Praça das Flores.

LISBOA

PHOTOGRAPHIA E PINTURA

GUIMARÃES

63—RUA DE SANTA MARIA—63

N'este antigo e acreditado estabelecimento continua-se a tirar retratos pelos ultimos e mais aperfeccionados processos, desde a miniatura ate ao tamanho natural, todos os dias, seja qual for o tempo, e ás horas proprias d'estes trabalhos; sendo os seus preços relativamente baratos.

RETRATOS A OLEO E A CRAYON

PHOTOGRAPHIA UNIVERSAL

FRANCISCO GOMES MARQUES

N'este novo atelier, recentemente aberto ao respeitavel publico d'esta cidade, opera-se pelo novo processo rapido ao gelatino bromuro, para o qual tem aparelhos verdadeiramente proprios e modernos. Tambem se faz impressão de retratos pelo processo inalteravel a carvão e a saes de prata, garantindo-se a mesma perfeição e nitidez como se fossem tirados no Porto. Tambem se tiram grupos tanto dentro do atelier como ao ar livre para o qual tem quintal proprio para tal fim. Opera-se com todo o tempo, desde as 8 horas ás 5 da tarde. Os retratos não serão pagos não estando á vontade do freguez.

96—RUA DE CAMÕES—96

GUIMARÃES

CLINICA DE CRIANÇAS
 —
 SOUSA CHRISTINO
MEDICO MILITAR
 16—RUA NOVA DO COMMERÇIO—16
 Consultas nos dias uteis, das 9 ás 10 da manhã.